

Política monetária Copom poderá estender ciclo, mas com ajuste menor que o de 1 ponto percentual feito agora

BC aumenta taxa Selic para 12,75% e admite nova alta

Larissa Garcia e Alex Ribeiro
De Brasília e de São Paulo

O Comitê de Política Econômica (Copom) do Banco Central elevou ontem a taxa básica de juros (Selic) em 1 ponto percentual, para 12,75% ao ano, como esperado, e, diante da deterioração do cenário, indicou que o ciclo de alta se estenderá para a próxima reunião. No comunicado da decisão, a autoridade monetária afirmou ver "como provável" um novo aperto em junho, mas em magnitude menor.

Antes do encontro, a sinalização dos membros do comitê era de que o último ajuste seria feito nesta reunião. Ao comentar a inflação de março, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, admitiu que foi uma surpresa e disse que o comitê avaliaria os efeitos disso para a política monetária, mas não comunicou claramente uma mudança de postura.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de março, último dado divulgado, subiu 1,62%, maior alta para o mês desde 1994 e acima do projetado pelo mercado. Em 12 meses, o índice chegou a 11,30%.

Como justificativa para reduzir o ritmo, além da incerteza ainda elevada, o Copom afirmou que o aperto está em "estágio avançado" e reforçou que os impactos da política monetária são defasados, "ainda por serem observados" e, por isso, demandam cautela adicional.

O colegiado afirmou que, diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos, "é apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista". Porém, deixou a porta aberta para ajustar os próximos passos.

"O Copom enfatiza que os pas-

sos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas, e dependerão da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária", afirmou.

Nesta reunião, o BC já olhou integralmente para a meta de 2023, fixada em 3,25%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para cima e para baixo. No cenário de referência, que leva em conta a Selic projetada pelo mercado de 13,25%, sua projeção para a inflação de 2023 fica em 3,4%, acima da meta, mas dentro do intervalo permitido. "O comitê julga que a incerteza em torno das suas premissas e projeções atualmente é maior do que o usual", ressaltou.

"O comitê entende que essa decisão reflete a incerteza ao redor de seus cenários e um balanço de riscos com variância ainda

Escalada da Selic

Nas datas de reunião - em % ao ano



Fonte: Banco Central. Elaboração: Valor Data

maior do que a usual para a inflação prospectiva, e é compatível com a convergência da inflação para as metas ao longo do horizonte relevante, que inclui o ano-calendário de 2023", destacou.

Na decisão, o Copom manteve a avaliação de que existem riscos em ambas as direções para a inflação e destacou a persistência das pressões inflacionárias globais e a incerteza sobre o futuro do arcabouço fiscal do país entre fatores que puxariam os preços para cima. Já uma possível reversão, ainda que parcial, do aumento nos preços das commodities em reais e uma desaceleração da atividade econômica mais acentuada do que a projetada poderiam impactar o índice de preços em direção contrária.

Na reunião de março, o BC havia traçado dois cenários para o petróleo. Ontem, a autoridade monetária optou por manter o cenário alternativo como o prin-

cipal — nele, o barril termina este ano a US\$ 100 e aumenta 2% ao ano a partir de janeiro de 2023.

O Copom avaliou ainda que o ambiente externo seguiu se deteriorando. "As pressões inflacionárias decorrentes da pandemia se intensificaram com problemas de oferta advindos da nova onda de covid-19 na China e da guerra na Ucrânia. A reprecificação da política monetária nos países avançados eleva a incerteza e gera volatilidade adicional, particularmente nos países emergentes", ponderou. Em relação à atividade econômica brasileira, a autoridade monetária afirmou que o crescimento está em linha com o que era esperado.

O colegiado reiterou que a inflação ao consumidor seguiu surpreendendo negativamente. "Essa surpresa ocorreu tanto nos componentes mais voláteis como nos itens associados à inflação subjacente", pontuou.

Leia mais nas páginas C2 e C3

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1